

Perante a afrontosa ameaça da ditadura militar o Povo de Lisboa não hesitou -- produziu várias manifestações reclamando do governo armamento para defender as suas liberdades ameaçadas!

Nesta hora de perigo para o operariado e para o progresso social, o povo trabalhador deve, unido como um só homem, repetir o seu gesto grandioso e heroico de Monsanto e aniquilar para sempre os serventários dos banqueiros, que arruinaram o país, e dos comerciantes desonestos que roubaram o Povo!

Povo: a luta é de vida ou de morte! Ou vence a tirania para te esmagar, ou vences tu para te libertares!

Pelo Suplemento de *A Batalha* de ontem que foi apreendido, em parte, por uma confusão inexplicável, pois tinha ido prèviamente à censura — estão os nossos leitores informados de que a Liberdade do Povo está sendo jogada na Rotunda.

A intenção conservadora, que vinha sendo anunciada há tanto tempo, assumiu ontem à luz do dia. O governo tomou as suas providências e está, segundo declarou ontem a uma comissão de operários, disposto a julgar a revolta reacionária apenas com as tropas que se lhe são fieis.

Entretanto, o povo de Lisboa ao tomar conhecimento do que se passava e do perigo que pairava sobre as suas liberdades, produziu manifestações em vários pontos da cidade pretendendo a viva força armada para auxiliar as tropas governamentais a sufocar o movimento militarista.

Este gesto do povo é eloquente e demonstra quanto ele é cioso das suas liberdades.

A atitude tomada pela Organização Operária corresponde, portanto, ao sentimento popular, no qual tem querido sempre estar integrada.

Reuniendo os comités e comissões administrativas, foi decidida a greve geral imediata.

Assim, a Confederação Geral do Trabalho redigiu a proclamação que foi publicada no aludido suplemento de *A Batalha* e que hoje tornamos a publicar:

Trabalhadores do braço! Trabalhadores do cérebro!

A todos vós que vos anima o espírito de independência, o espírito de liberdade, que impõe o progresso e a civilização, não pode deixar de voltar e fazer vibrar intensamente o nosso sentimento de homens conscientes o movimento reacionário militarista.

Esse movimento que se apresenta com o rótulo de salvar a administração pública tem apenas em vista estabelecer a maior das tiranias que se pode imaginar, para tolher todas a oposição e a menor manifestação de protesto aos desígnios dos exploradores do povo, aos traficantes do país.

A Confederação Geral do Trabalho e o operariado do país nenhuma responsabilidade têm em quaisquer escândalos de administração, tendo, pelo contrário, protestado sempre contra a ruínosa administração da economia nacional. A C. G. T. nada tem de vê com quaisquer ataques à bolsa ou à vida, tendo protestado contra todos, viessem de onde viessem.

Mas também a C. G. T. não pode deixar de afirmar que, acima dos atentados isolados, dos atentados individuais, há os grandes atentados colectivos, as grandes infamias, que têm sido acobertadas e defendidas por aqueles que se propõem sanear o país.

Sanear o país significa, pela parte dos reacionários, amordaçar a imprensa, encerrar todos os centros de reunião e inutilizar todos os órgãos pelos quais a colectividade se possa opôr à tirania e ao latrocínio.

Todos conhecem a boçal, a trágica figura de Rivera e Mussolini para dispensarem o esboço biográfico e a citação dos intuições que movem a hidra dos ditadores. De resto, o momento é mais de ação que de palavras. A Confederação Geral do Trabalho, coerente com as suas afirmações e bem consciente de

interpretar a vontade do proletariado do país, exorta todas as classes a defenderem vigorosamente a liberdade ameaçada.

Otrosim todos devem aguardar as decisões do Conselho Confederado, para o caso dum movimento de extensão nacional, a efectuar. Que todos estejam a postos bradando:

Abaixo a ditadura!
Viva a liberdade!

O Comité Confederal

Por sua vez, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa publicava também a seguinte proclamação:

Da União dos Sindicatos Operários ao povo de Lisboa

PROCLAMAÇÃO

E chegado o momento gravíssimo e decisivo de todo o operariado consciente, de todos os homens de consciência livre cerrarem fileiras em defesa da liberdade que tantos sacrifícios tem custado.

O movimento militarista reacionário declarado com a jesuítica intenção de pôr côbro a todos os escândalos de administração pública e a quaisquer crimes atentatórios dos direitos e liberdades de cada um, deve a organização operária afirmar a sua isenção de todos esses escândalos e o protesto que várias vezes fazem contra elas.

E' muito outro, porém, o fim dos reacionários, que pretendem apenas instaurar o poder da exploração, da tirania e do arbitrio.

Assim procedeu em Espanha Primo de Rivera, e assim em todos os momentos se dá expressão prática ao ódio tóxico dos reacionários.

O operariado, porém, não pode, não deve, sem pena de desmentir num momento todas as suas afirmações passadas, assistir indeferente a essa monstruosidade que se comete.

Ainda está bem vivida na memória de todos as gloriosas jornadas da Rotunda e de Monsanto.

Eia, pois, trabalhadores:

Eia, pois, cidadãos:

A pé!

A União dos Sindicatos Operários bem cônscia dos seus deveres, da gravidade do momento que passa e das suas responsabilidades, declara a greve geral a partir do conhecimento desta nota e exorta todos os trabalhadores de Lisboa a preparam-se para a defesa energética e decidida da liberdade ameaçada e perigosa.

Que todos os trabalhadores procurem estabelecer a ligação para o efeito da ação a expender.

Que ninguém titubie e avante neste gloriosa e sacrossanta jornada!

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa

Também a Federação da Juventude Sindicalista fazia aos seus filiados o seguinte apelo:

Aos jovens sindicalistas da região portuguesa

Rebentou hoje em Lisboa um movimento revolucionário que visa a

implantar em Portugal uma odiosa ditadura que cerceará todas as regras por nós conquistadas.

Que todos os jovens compreendam a gravidade do momento!

Jovens sindicalistas de todo o país! defendei a liberdade ameaçada arriscando a vossa vida!

Pela liberdade!
Contra a ditadura!

A Federação das Juventudes Sindicalistas

Durante a tarde de ontem foi também distribuída a seguinte proclamação que demonstra, claramente, que todas as esferas sociais se entenderam rapidamente para uma ação comum contra o inimigo comum:

AO Povo de Lisboa

AO PROLETARIADO!

O momento que corre é de extremo perigo para as liberdades populares com tanto esforço conquistadas.

E' preciso reagir, mas reagir por todos os meios possíveis e extremos à onda de reação que pretende avassalá-los.

Por detrás do Comité Militar que se encontra no Parque Eduardo VII, está o Fascismo, está a Monarquia e está o estrangulamento dum povo que aceia por viver livre.

E' indispensável que o povo de Lisboa não entregue exclusivamente a sua defesa às forças militares que estão ao lado do governo. Se o governo, por actos de decisiva energia, não resolver hoje mesmo a situação, atacando as forças reacionárias, o povo, o proletariado, deve, pelos meios ao seu alcance, armar-se e decisivamente enfrentar e jugular o movimento das direitas.

Não se deve desprazar qualquer aliança das forças da esquerda republicana. Todas as divergências de esfera têm de ser comprimidas e devemos unificar o movimento de ataque à reação a que não são estranhos os homens das «forças vivas», enriquecidos à custa da miséria popular, que tentam resolver a crise nacional pela diminuição dos salários e pela escravidão do trabalho.

Viva a liberdade!
Viva o proletariado!

A' luta contra a reação!

O Partido socialista, o Partido comunista, Partidários da I. S. V., o Centro Republicano 5 de Outubro e a Confederação Geral do Trabalho.

A' hora em que estamos escrevendo o triunfo senão surriu aos revolucionários também não se decidiu pelas forças governamentais nem pelos que estão dispostos a defender algumas liberdades que o povo ainda possui.

Parceiros-nos que, neste momento, o governo não deve ter hesitações. O povo quer colaborar na luta contra a tirania — deem-se-lhe, portanto, todas as facilidades para que desempenhar-se dessa sagrada missão.

O povo não quer suportar a ditadura militar, francamente apoiada pelas forças militares com quem tem estreitos entendimentos. *O Século*, órgão da U. I. E., tem estado a fornecer informações aos revoltosos. Banqueiros, assombcadores desonestos, toda essa gente que tem enchedo os cofres à custa da miséria do povo, está com os revoltosos.

O povo trabalhador se tem brio, se tem amor à sua liberdade, deve agir em érgica-

mente para anular a era de repressão heionda que cercará todas as regras por nós conquistadas.

Abaixo a Reação!
Viva a Liberdade!
Viva o Povo sacrificado!

O movimento militarista

Os acontecimentos de ontem

Eclosa ontem as primeiras horas da manhã o anunciado movimento militar de carácter conservador. No suplemento de *A Batalha*, ontem distribuído ao fim da tarde dissemos dos objectivos dos revoltos. Bastava saber, se dúvidas existissem, que, além dos elementos de reconhecimento tendencial sidonista, estão com as forças acampadas no Parque Eduardo VII os principais elementos que mais vivamente vêm defendendo a ditadura militar.

Por isso o povo liberal, ao verificar que as suas liberdades estavam ameaçadas, reuia a defender-se, procurando emprestar ao ataque aos reacionários a mesma ardemência que no Monsanto conseguiu fazer triunfar a causa da Liberdade.

Oxalá que desse último gesto se saibam tirar as ilações necessárias e se procure respeitar a vontade soberana do povo sacrificado.

Procuremos dar aos nossos leitores agora, quando são bem claros os propósitos dos insurretos, um rápido relato dos acontecimentos.

No já histórico e conhecido «morro Sídonio Pais» estavam quatro peças de artilharia de Queluz. Alguns metros à retaguarda flutuava uma bandeira verde e vermelha hasteada num pau. Um pouco distante em altitude helicóptero grande número de granadas num terreno próprio.

As referidas peças estão viradas para o rio e dirigidas para o Alto de Santa Catalina.

Dispersas algumas vedetas de baioneta armada.

Cerca das 13 horas, o general Sinel de Cordes, à paisana, passa em São Pedro de Alcântara em direcção ao Quartel do Carmo. Era o portador do «ultimatum» dos revoltos que, às 12,5 horas, o capitão Pereira Dias lhe entregou em sua casa.

O «ultimatum» intimava o governo a desistir no prazo duma hora.

No quartel do Carmo, além do governo, estiveram quase todos os marchas da política democrática: José Domingos dos Santos, Rodrigues Gaspar, Alvaro de Castro e o ministro de Portugal em Paris, Dr. António da Fonseca.

O conselho de ministros deliberou não dar nota oficial à imprensa e entregar a cidade ao poder militar sob o comando do general sr. Adriano da Fonseca.

Considerando que é indispensável tomar prontas e energicas providências, de forma a assegurar rapidamente a tranquilidade do país:

Usando das facilidades concedidas ao Poder Executivo pela Constituição Política da República, Alfredo Guisado, o seu secretário.

Hei por bem, com o voto do conselho de ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' declarado o estado de sítio em todo o país, com suspensão total das garantias constitucionais.

Art. 2.º Este decreto entra imediatamente em vigor.

Os ministros de todas as repartições, em exercício, assim o tenham entendido e fizeram executar. Paços do Governo da República, 18 de Abril de 1925. — Manuel Teixeira Gomes. — Vitorino Maximo de Carvalho Guimaraes, Vitorino Henrique Gondim, Adolfo Augusto de Oliveira Coutinho, Ernesto Maria Vieira da Rocha, Fernando Martins, Frederico António Ferreira de Simas, Henrique Monteiro Correia da Silva, Angelo de Sá Couto da Cunha Sampaio Maia, Francisco Coelho do Amaral Reis.

Cerca das 21 horas, segundo nos vieram referir, houve uma nova tentativa de assalto ao Liceu Camões enquanto o oficial, que acima referimos, fazia a intimação.

Os congressistas levantaram-se e protestaram com grande indignação contra a atitude dos revoltos. O dr. sr. Guisado recomendou calma, fazendo sentir que na impossibilidade de resistir à intimação, outro remédio não havia senão abedecer.

O orador termina propondo uma saída para os revoltos.

Termina num apelo a todos os republicanos para que façam abortar o movimento revolucionário.

A sessão é encerrada no meio de grandes protestos dos congressistas.

A força militar dos revoltos retirou-se a intimação. O raid por elas intentada foi um golpe de audácia que não encontrou nenhuma resistência, saíndo e entrando, incólume, no acampamento.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cámaras de Imprensa e Estereótipos
RUA DA ATALAIA, 116 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras. — Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade do seu autor.

Redação, Administração e Tipografia
CALDA DA COMARCA, 38-A, 2.º andar
LIS

'A Batalha' entrevista alguém que esteve no acampamento dos revoltosos

Os soldados estavam, em grande parte, muito desanimados, a despeito das sucessivas preleções dos seus superiores

Próximos da noite encontrámos uma criação da nossa confiança que tinha estado as 11 horas da manhã no acampamento das forças revoltosas.

A sua impressão geral, transmitida na rápida conversa que com ele tivemos, foi esta:

— Os revoltosos estavam moralmente bastante desanimados.

— As suas personalidades mais marcantes?

— Vi junto à Penitenciária três oficiais, o sr. Raúl Esteves, o sr. Nobre da Veiga e o sr. Filomeno da Câmara. Este último passava, dum lado para o outro, visivelmente enervado, desanimado expresso no semblante. Parecia convencido da inanidade do seu esforço.

— O sr. Raúl Esteves?

— Sorriente. Quando chegava algum camion ou automóvel recusava-se a receber qualquer comunicação. Apontava para o sr. Filomeno da Câmara e dizia: «É ali com aquele senhor?»

— O sr. Nobre da Veiga?

— Impenetrável.

— Civis?

— Cerca de 80. Alguns nomes conhecidos: João Rocha Corticeiro, Carqueja, Manuel Loureiro Grilo, Alberto Dentinho, Ido Ferreira, a fina lób de sidonismo. Entre elas indivíduos das casas de batota. Uma certa animação nalguns deles que recordavam em alta voz os seus gestos na revolução de bombas?

— Perto da Penitenciária um civil fazia grande distribuição de explosivos. No fundo da ria São Filipe Nery civis com bombas. No Rato ainda estiveram três civis com explosivos junto ao quiosque do O Sétulo.

— Admirável que os homens da ordem aceitem o concurso das bombas e dos bombardeiros...

— Os soldados?

— Os mais modernos estão aborrecidos, com grande desejo de se verem livres da milícia. Quem os segura são os sargentos e alguns oficiais que os incitam com sucessivas preleções. «Se isto demora a gente vai-se», diziam alguns em voz alta.

— Artilharia?

— 9 peças, 6 das quais apontadas para o Castelo de São Jorge.

— Metralhadoras?

— Bastantes. Algumas estavam situadas na Avenida António Augusto de Aguiar.

— Municípios?

— Bastantes.

— Mantimento?

— Alguns. Apreenderam dois camions com bacalhau e vários cascos de vinho. Parte dos mantimentos foram arranjados num raid que efectuaram em Benfica.

— Transportes?

— Alguns automóveis e «side-cars» que iam e vinham, continuamente, tripulados por civis e por oficiais do exército que andavam fazendo diligências junto dos quartéis.

— Deste modo geral, a sua impressão?

— Sí, os revolucionários perdem a partida. Lá dentro nota-se um certo desânimo: uns têm o ar de desapontados, outros têm o ar estoico de quem se sacrifica sem arrepiar, outros ainda com um desejo mal disfarçado de fugir.

Os revoltosos atacaram um carro de socorros

Pelas 20 horas quando um carro da Cruz de Malta passava a Campolide para socorrer alguns feridos, os revoltosos fizeram um ataque em forma.

Contra esta barbaridade, pedem-nos da Cruz de Malta que publiquemos o seu protesto ao que juntamos o nosso.

A Cruz de Malta montou um posto de socorros na ria de Artilharia 1, 71.

As vítimas da revolta atingiram a meia noite

Na Morgue encontram-se três pessoas mortas, ignorando-se a sua identidade.

Há ainda uma outra: o caixoteiro José de Almeida, morto por uma granada que entrou num prédio do Pólo do Borratim, em que residia.

— No Rossio explodiu uma granada cujos estilhaços atingiram:

Miguel Pereira, tipógrafo, travessa do Armeiro, 4-2.º Augusto da Silveira, rua de São Miguel, 11, loja, António Rodrigues, estrada de Benfica, 320; José Martins de Sousa, rua de Pascoal de Melo, Vila Luz, 3, 1.º. Todos estes feridos que estão em estado de grave recolheram ao hospital de São José.

— Na rua dos Bacalhoeiros explodiu uma bomba que atingiu os polícias 581 e 182, os quais ficaram feridos nas pernas.

— Mário António Vieira, Alto do Varejão, 12. Uma granada entrou na sua residência, ferindo-o nas costas.

— Pedro Martins da Silva, rua de Silva Carvalho. Foi atingido por uma bala na côxa direita.

— José Marques Calheiros e Georgina da Piedade, rua Marques da Silva, 13, foram atingidos por estilhaços dum granada nas suas residências.

— Alfredo de Almeida, polícia 838, ferido com um tiro na côxa direita.

— António Lopes Rodrigues, rua do Recolhimento, 47, ferido por um estilhaço de granada na perna esquerda.

— A menor de 11 anos Elvira da Silva Ferreira, na Vila Janeiro, sita na rua Marques da Silva, ferida por um estilhaço de granada na perna esquerda.

— Uma granada que explodiu no quartel do grupo de metralhadoras de Campolide feriu Justiniano dos Santos, soldado 75, e António dos Santos, moço do mesmo quartel.

— Encontram-se em várias enfermarias do hospital de Santa Marta os seguintes feridos:

— José Ribeiro, rua de Campolide, 30, 2.º.

PARÁIZO BURGUÉS

A tragédia da moradia avulsa

Os que não têm paixão certa

E' infundável a peregrinação pelos labirintos do paráizo burguês.

A um drama, outro drama se segue, sempre mais forte, sempre mais horrível. Depois do drama das habitações, a tragédia da moradia avulsa, o aluguer por noite, por horas, dum miserável enxerido onde repousa o corpo macerado por todas as necessidades.

E voltamos ao ponto de partida, voltamos a encontrar por mais que varremos de aspectos, de pormenores, as duas características, as duas fauces terríveis do paráizo burguês: O suplício e a especulação; a maior das misérias a servir de pão a os maiores roubos. Neste drama da habitação, depois da tortura dos que não têm onde dormir, dos que disputam um lugar entre as pedras, ao ar livre, a tragédia dos que pagam uma renda exorbitante, e não têm casa, porque têm os seus bávaros fora de casa, por não caberm os nos pôcigos onde a luz não penetra nunca. E tudo isto não basta. Há ainda pior, porque os desgraçados possuem uma capacidade incomensurável de sofrimento. Para aqueles que não podem pagar uma renda de sessenta escudos por um pão-de-queijo, pouco mais do que uma casita de cão: o paráizo burguês, reserva-lhe esta espantosa solução!

Pagam triplu. Parece um paradoxo, ésta umia macabre, mas é assim. Aquela que não têm dinheiro para pagar um quarto, só lhes resta este recurso de uma preversidade revoltante: pagar o triplu.

Aqueles que não podem pagar um quarto, são obrigados a pagar o aluguer de uma cama, alugada por horas, e que lhes custa muito mais caro. E o drama da moradia avulsa, do quarto alugado por noite, da cama alugada por horas.

O mínimo que se pede por uma cama, dispensada por uma hora, períaz no fundo dum mês uma renda de perto de duzentos escudos.

E tal é a solução imposta aquelas que não podem pagar sessenta escudos por uma casa. E então que camas...

Umas enxergas putidas, alinhadas perto uma das outras, sobre o soalho denegrido, numa vasta sala com o aspecto mais tenebroso de que uma enxova.

Dormem, conseguem dormir, nesta sala, sobre estas enxergas, 30 a 40 desgraçados, que durante o dia «máscararam o corpo, a conquistar os escudos que lhes possam dar a noite este simulacro de cama, esta paróquia de quarto de dormir.

Derreados, entristecidos, estes desgraçados estendem-se sobre as enxergas e não vêm mais nada, nem sentem mais nada do que a necessidade de dormir.

E assim elas não vêm, não lhes ocorre, que no vespero, as suas camas por algumas horas, deram abrigo, a criaturas sangrando as piores chagas, que deixam roupas vestígios repelentes. Eles não vêm, não sentem as legiões de vermes que estão ali a atestar a mais absoluta falta de limpeza.

Eles não sentem, não vêm nada, a não ser a possibilidade desta terrível informação:

Já não temos camas. Tenha paciência. E os desgraçados descem as escadas, indo encontrar outro companheiro de miséria, condenado a dormir sobre os degraus e lá vão esconder-se na noite, à procura dum azito, a cogitar a improvisação dum abrigo. E' uma caravana sinistra, que se dirige de quarto a quarto, a praias, aos arredores da cidade, às fábricas de Monsanto, deixando para traz farrapos humanos, que se escondem pelas escadas, que tombam tontos de sono pelas praças públicas, pelos calabouços...

Sessão de homenagem

A sessão de homenagem ao falecido militante operário Joaquim da Silva, que hoje se devia efectuar no Sindicato Único Metalúrgico, em virtude da anormalidade da situação, fica transferida para quando se anunciar.

Acaba de aparecer:

Três aspectos da Revolução Russa

Por EMILE VANDERVELDE

Preço: 5\$00

A venda na administração de A Batalha e nas livrarias

Queixas e reclamações

Traindo o horário

Segundo nos vieram referir, alguns operários da construção civil que estão trabalhando na barraca de Júlio das Furturas não respeitam o horário de trabalho estabelecido naquela indústria.

Custa a crer que, neste período de crise de trabalho, haja trabalhadores que temem em tão pouca consideração a miséria dos seus camaradas.

— Na rua dos Bacalhoeiros explodiu uma bomba que atingiu os polícias 581 e 182, os quais ficaram feridos nas pernas.

— Mário António Vieira, Alto do Varejão, 12. Uma granada entrou na sua residência, ferindo-o nas costas.

— Pedro Martins da Silva, rua de Silva Carvalho. Foi atingido por uma bala na côxa direita.

— José Marques Calheiros e Georgina da Piedade, rua Marques da Silva, 13, foram atingidos por estilhaços dum granada nas suas residências.

— Alfredo de Almeida, polícia 838, ferido com um tiro na côxa direita.

— António Lopes Rodrigues, rua do Recolhimento, 47, ferido por um estilhaço de granada na perna esquerda.

— A menor de 11 anos Elvira da Silva Ferreira, na Vila Janeiro, sita na rua Marques da Silva, ferida por um estilhaço de granada na perna esquerda.

— Uma granada que explodiu no quartel do grupo de metralhadoras de Campolide feriu Justiniano dos Santos, soldado 75, e António dos Santos, moço do mesmo quartel.

— Encontram-se em várias enfermarias do hospital de Santa Marta os seguintes feridos:

— José Ribeiro, rua de Campolide, 30, 2.º.

C. G. T.

Reúne hoje, pelas 12 horas, o Conselho Federal. E' necessária a comparação de todos os delegados.

CARTA DO PORTO

A torpe comédia

As pessoas caridosas, que espalhafatosamente se exibem, vão fundar uma Maternidade. Entretanto continuam as «casas de caridade» implorando a generosidade do público

Anatole France envergonhou-se um dia por ter cometido esta má ação; deu uma

Ruborizou-se, indignou-se, intimamente, porque distruíram «do prazer vergonhoso de humilhar um semelhante», porque conviu «no pacto odioso com que assegura ao forte seu poder e reconhece ao débil a sua fraqueza».

A sua revolta nasceu-lhe do coração para a consciência à medida que foi compreendendo que, «com o dar», marcou «a antiga iniquidade» e contribuiu para que o protegido tivesse «só uma metade de alma».

Sim, o grande escritor que há pouco desapareceu do tablado dos vivos vendeu a «fraternidade a um irmão» empregando dementes falsas: humilhou-se, humilhando-o, «porque a esmola envolve por igual a quem dá e a quem a recebe».

Infelizmente, éste sublime grau de raciocínio, esta moral, este sentimento, esta grandiosa verdade, ainda não subiram a escadaria aleviada dos sumptuosos palácios; e invadiram, remorsamente ruídosos, os espacos, iluminados e dovidados salões do mandarismo elegante, da «chic» e fidalga sociedade.

Está por demais «salitrada» nos principais da caridade balofa, para que a nossa aristocracia moderna possa reflectir um quanto de segundo nas espalhafatiedades da sua filantropia vésiga.

Quem, sobretudo, se tem sobressaído nas especulações generosidades, cristãs, têm sido as fimbriadas saias, modistadas à *dernier cri*, das miss, mesdames, mesdemoiselles e outras femininas e «francesadas» quinquilheiras e adornos de uma titulada provocante diversida...

Espalham finos perfumes de apetite sensual e levantam-se, vaporosas e genitalmente atraentes, no louco rodopiar do jazz-band e do fox-trot, que são o sucedâneo do antigo minuetto... De vez em quando, peitos atafogados e olheiras desenhadas pelo brodado dos chás-dansantes das casas da viscondessa, as «humanitárias» senhoras da alta roda lembram-se de que há miseráveis, de que há crianças sem leite, filhos sem pão, lares agonizantes no mais horrível sofrimento...

E aproveitando-se de qualquer comemoração atreita a exibicionismos, de qualquer centenário que a Escola Médica do Pórtugal, que em breve vai ser festejada. Um grupo de senhoras do «modêlado» assinalados pelos privilégios braçais das oligarquias títimo sistema, querem levar a sua celebração mais longe: vão fiadar, para o que contam com a magnanimitade de toda a gente que tem posses, uma instituição de «carinho» para as crianças e para as mães—uma «Maternidade», cuja falta se tem feito sentir no Pórtugal...

Não podemos deixar de aplaudir, estes movimentos espontâneos de protecção aos pobres, embora o nosso aplauso fôsse maior e mais sincero, se essas senhoras, possuidoras de um verdadeiro sentimento humano, trocassem o paliativo inútil da «caridade» burguesa pela «solidariedade social» dos autênticos humanistas que desejam, não a perpetuação dum regime de desigualdade, mas a transformação desta sociedade por uma outra onde todo o ser humano tenha a devida correspondência do desenvolvimento de todas as faculdades da sua existência brillante e feliz—onde o lema de Cristo: «Sempre haverá pobres entre vós», seja substituído por esta divisa emancipadora: «Não há deveres sem direitos, não há direitos sem deveres».

Mas senhoras das «boulevards» alifadados e dos «chalets» assinalados pelos privilégios braçais das oligarquias títimo sistema, querem levar a sua celebração mais longe: vão fiadar, para o que contam com a magnanimitade de toda a gente que tem posses, uma instituição de «carinho» para as crianças e para as mães—uma «Maternidade», cuja falta se tem feito sentir no Pórtugal...

Canovas disse-o, nas cortes de 69: «O silêncio da Espanha é o fruto de três séculos de imposição de silêncio». Disse-o Costa em 1900 quando, num magnífico discurso